

ARTE E POLÍTICA: UMA PERFORMANCE ABORTADA

THE ABORTED PERFORMANCE

Marcella Nunes Rodrigues / UFSM

Gisela Reis Biancalana / UFSM

RESUMO

A política estabelece suas formas de organização social determinantes dos modos de agir nos grupos de indivíduos que formam algum tipo de coletividade. A arte, com seu modo peculiar de expressar e comunicar questões do mundo, muitas vezes ao longo da história se aproximou de questões políticas. Atualmente, os limites entre arte e política são bastante tênues. Este trabalho objetiva abordar uma dessas Performance que não aconteceu. O texto é uma reflexão escrita sobre o evento e teve como encaminhamento metodológico a autobiografia de um instante de vida aliada às referências teóricas que transitam pelas relações entre arte e política. Conclui-se que a Performance de cunho político amedronta porque não se mostra pela via da obviedade direta da ação de resistência e, assim, se torna hábil em solapar a inocuidade de uma maneira quase silenciosa.

PALAVRAS-CHAVE

Performance; Arte; Política;

ABSTRACT

The policy establishes its forms of social organization that determine the ways of acting in groups of individuals that form some type of collectivity. Art, with its peculiar way of expressing and communicating world issues, has often approached political issues throughout history. Currently, the boundaries between art and politics are very blurred. This work aims to address one of those Performance that did not happen. The text is a written reflection on the event and had as methodological guidance the autobiographical writing of an instant of life combined with the theoretical references that transit through the relations between art and politics. It is concluded that the Performance of political nature frightens because it is not shown by the direct obviousness of the resistance action and, thus, it becomes able to undermine the innocuousness in an almost silent way.

KEYWORDS

Performance; Art; Policy;

O termo política enquanto conceito, *à priori*, recorre à antiguidade, especialmente às sociedades gregas. Porém, o esgotamento da busca pela harmonia, vislumbrada como característica deste período histórico-social, complexificou o conceito e revolve o mundo contemporâneo ressignificando-se. A partir da ideia de pólis, as cidades-estados gregas eram entendidas como células orgânicas constituintes de cada grupo social. Sendo assim, os representantes desses grupos determinavam as atividades de todos os membros do coletivo. Suas ordens proferidas tinham funções específicas de orientar e dirigir as pessoas da pólis. A normatização do coletivo acontecia de acordo os interesses e as necessidades desses representantes. Esses grupos sociais tinham suas hierarquias que impunham as regras internas. Por sua vez, essas regras eram elaboradas pelos dirigentes e mascaradas como proporcionadoras de interesses e necessidades compartilhados por todo grupo. Os representantes eram membros das elites cada vez mais abarrotadas de propriedades e outras posses. Nessas sociedades os membros representantes e diretores do sistema não podiam ser imigrantes ou estrangeiros. A tragédia euripídica intitulada Medéia é um exemplo claro do lugar do estrangeiro nas sociedades gregas. Portanto, esses cidadãos autóctones auto proclamados alavancavam o *modus operandi* do grupo ao neutralizar segmentos a eles subordinados. Os representantes das pólis permanecem consoantes com as atribuições dos sistemas imperiosos criados por eles e que reinam intensamente na perpetuação de seus *status quo*.

Os modos de tomada de poder, bem como os modos de orientação e manutenção desse poder se modificam. Os pontos de vista historiográficos também modificam o entendimento das sociedades históricas ao longo dos tempos-espacos. Relações de poder e dominação se perpetuam sendo mais ou menos aparentes dependendo do tipo de organização política de cada sociedade. Assim, atualmente, as complexas e móveis diversidades no superpopuloso mundo contemporâneo são também trespassadas por relações de poder sempre se reatualizando. Algumas vezes, torna-se difícil apreender o movimento rápido e incessante dos acontecimentos. Os empoderamentos e quedas se deslocam difusamente. Além disso, a manipulação midiática tem sido uma ferramenta potente no contexto atual. Reconhecer parcerias e adversários políticos em constante rearticulação passa a ser uma manobra de sobrevivência. A impotência para insuflar modos de resistência aos sistemas dominantes e alavancar possíveis formas de luta social tem ficado, aos poucos, cada vez mais evidente tornando-se emblemática no mundo contemporâneo. A arte com viés político busca colocar-se no sentido oposto à apatia. Nesse contexto, Costa et al (2015, p.6) aponta que as

novas abordagens políticas articulam diversos sentidos, centrando-se em como as formas de poder e dominação são vivenciadas e em seu questionamento, articulando o público e o privado, o global e o local, desenhando novas rotas de diálogos entre os saberes.

O contexto apontado acima, de um lado, promove o desânimo, a imobilidade e a apatia. Por outro lado, alguns segmentos sociais historicamente vêm tomado a dianteira no sentido de reagir às práticas autoritárias, conservadoras, ditatoriais, antidemocráticas. Não se trata de evocar um pensamento romântico sobre democracia. Os sistemas democráticos não são formas de organização perfeitas, ao contrário são cheias de falhas e brechas para modos de dominação camuflados. Todavia, vale destacar que eles devem permitir a liberdade de pensamento e expressão. A literatura e o teatro russos escancararam as relações entre arte e política com o realismo socialista.

Entre os segmentos sociais supracitados, muitas pessoas provenientes de classes artísticas têm contribuído, inclusive e frequentemente, com ações que borram os limites entre o que é arte e o que é política. A polissemia tão presente na arte contemporânea torna-se um meio promotor de entendimentos que chacoalham posicionamentos políticos pela via da arte. Assim, não são poucos os trabalhos oriundos do campo das artes, atualmente, que se voltam para esses limites fugazes entre arte e política. Os ambientes que se encontram mais suscetíveis às relações de poder dominadoras, são os lugares nos quais a arte pode emergir como força reativadora e propulsora da resistência. As ações artísticas podem funcionar como um meio refratário para os problemas do mundo contemporâneo. Ao longo da história, muitos foram os modos pelos quais a arte e a política se entrecruzaram. De qualquer modo, incontestavelmente quando a arte é politicamente engajada ela assume sua veia guerreira. Foucault (2006, p.6), ao abordar a história das relações de poder no mundo, afirma que a

historicidade que nos domina e nos determina é belicosa e não lingüística. Relação de poder, não relação de sentido. A história não tem "sentido", o que não quer dizer que seja absurda ou incoerente. Ao contrário, é inteligível e deve poder ser analisada em seus menores detalhes, mas segundo a inteligibilidade das lutas, das estratégias, das táticas.

A arte absorvida pelo engajamento político-social não perde seu sentido primeiro de ser arte, mas não se esquivava totalmente de seu caráter de luta. É nesse contexto multifacetado que se inserem as pesquisas em Performance Arte desse grupo. As

ações coletivas realizadas assumem seu teor político quando visam fomentar as inquietações dos participantes. Assim, os performers envolvem-se com suas sensibilidades instauradas no corpo sobre questões latentes no-pelo mundo, especialmente aquelas que lhes instigam em seu entorno. Envolvidos pelas inquietações pessoais contextualizadas esses performers não se declaram ativistas. Eles entendem-se como artistas, antes de tudo, mesmo que suas ações venham contribuir com as reflexões e lutas sociais engajadas. Segundo Rancière (2014, p.52), “a arte é considerada política porque mostra os estigmas da dominação, porque ridiculariza os ícones reinantes ou por que sai de seus lugares próprios para transformar-se em prática social”.

A Performance Arte se faz um meio para ressoar embates políticos ao suspender o espaço-tempo no qual a ação acontece. Ao situar-se entre ser e não ser política, ela revela uma aparente indecisão que provoca a sensação de ambiguidade. Esse aspecto da Performance Arte atrai justamente porque ela não se mostra pela via da obviedade direta da ação de resistência política e, assim, se torna hábil em solapar a inocuidade de uma maneira quase silenciosa. A Arte da Performance se embaralha com as manifestações políticas quando traz um argumento dessa ordem. Desse modo ela interfere confundindo-se, até propositalmente, com elas e as ações realizadas por esse grupo de pesquisadores em arte se aproximam no coletivo por essa característica. Rancière afirma que:

Se a arte é política, ela o é enquanto os espaços e os tempos que ela recorta e as formas de ocupação desses tempos e espaços que ela determina interferem com o recorte dos espaços e dos tempos, dos sujeitos e dos objetos, do privado e do público, das competências e das incompetências, que define uma comunidade política (RANCIÈRE, 2010, p.46).

A partir desse momento o texto deixa de externar nossos pensamentos sobre as relações entre arte e política em uma linguagem indireta. Daqui para frente, o texto passa a transitar entre a primeira pessoa do singular e a primeira do plural porque tratamos de experiências próprias. São duas vozes, a voz da performer-autora em sua experiência juntamente com a da coautora-orientadora e coordenadora do grupo, ativando as reflexões sobre o papel político da Performance Arte.

As 18he25min do dia quatro de outubro de 2018, foi o instante que me sentei para escrever esse texto. Fazia menos de duas horas que havia sofrido uma perda irreparável, foi arrancado algo importante de mim. Senti-me como se estivesse esvaindo. Desde então, esse texto ficou engavetado como lembrança do que ocorreu em outubro de 2018. Hoje, vivendo esse momento de fragilidade diante da ameaça

do Corona vírus e agora como doutoranda de um Programa de Pós-graduação em artes visuais, decidimos retomar esse texto, publicá-lo, expor a ferida já cicatrizada, mas presente no corpo de performer. A decisão surgiu em discussão entre as autoras participantes do grupo no intuito de enviar o texto para ANPAP incluindo nossas últimas reflexões, agora mais distanciadas, sobre os tênues limites entre arte e política.

O grupo e laboratório de pesquisa em arte do qual participo estava completando cinco anos de sua existência. Neste tempo, realizamos pesquisas e estudos bibliográficos sobre a arte contemporânea e a Performance Arte; assistimos vídeos pertinentes às nossas pesquisas desde a iniciação científica até o doutorado; discutimos questões relativas à performatividade e a cultura na contemporaneidade; realizamos processos criadores; performamos em diversos lugares, dentro e fora do espaço acadêmico. Um dos eventos nos quais participamos com assiduidade nos últimos quatro anos se chama Descubra. Ele ocorre anualmente na Universidade a qual estamos vinculados. Este evento tem por objetivo central divulgar aos visitantes os cursos e iniciativas de ensino, pesquisa e extensão da Universidade, nos moldes de uma feira de profissões. O evento conta com espaços interativos e de convivência, como praça de alimentação, *food trucks* e mostras de teatro, música, artes plásticas, tecnologia e dança. Os visitantes podem tirar dúvidas sobre os cursos ofertados pela instituição, bem como por instituições parceiras dialogando com estudantes, docentes e servidores técnico-administrativos. Assim, esses estudantes têm a oportunidade de conhecerem melhor o futuro campo de trabalho que buscam, as disciplinas que compõem os currículos dos cursos e as oportunidades de estágio, pós-graduação, empreendedorismo e mercado de trabalho em cada área.

Faz quatro anos que participamos deste evento, apresentando performances. Os integrantes do grupo que compõe o laboratório e ateliê de criação em Performance arte costuma ir ao evento representando as artes. Assim, no ano de 2018, não diferente dos anteriores. O ano de 2018 foi conturbado por ser um ano de eleições presidenciais que ocorreram após o *impeachment* – ou golpe - da presidenta Dilma Rousseff. Por esse motivo, e pelo modo como o processo eleitoral foi sendo conduzido pelos então candidatos fomentos uma polarização de opiniões no país que já vinha de mais de dois anos quando o presidente Temer assumiu o governo. Passamos a estudar coletivamente uma o assunto e os argumentos para as performances que iríamos levar ao público, logo que a data do Evento Descubra foi anunciada. Mesmo temerosa, expus timidamente as ideias que borbulhavam em minha mente para a orientadora. Destaco aqui que este temor não significava medo, mas sim respeito e admiração por todo caminho trilhado por ela conosco até aqui. Falar de Performance para alguém que me orienta sobre Performance não me parecia ainda tão confortável naquele momento. Ao contrário do que eu esperava, ela gostou e se animou muito. Expressou

felicidade e aprovação ao me ver dar os primeiros passos sem a mão dela me apoiando firmemente. A partir deste momento, ela passava a me observar caminhar, sempre presente, mas deixando que eu tomasse uma autonomia necessária para a artista, pesquisadora que estava estudando para me tornar. Mais do que ficar feliz, apoiou e incentivou-me a iniciar o processo. Neste momento, me senti fortalecida e impulsionada a seguir.

Creio que muita gente se encontrava motivada a falar sobre questões políticas que motivavam o país naquele momento. Afinal, o panorama se aproximava dos massificados filmes hollywoodianos com facadas e tudo o mais. Assim nasceu uma série de performances amparadas jogos. A partir do trabalho de Carla Borba, uma performer gaúcha e educadora que trabalha a relação da Performance com táticas de jogos, passo a projetar, junto com os colegas de laboratório, as Performances destinadas primeiramente ao Evento Descubra/2018. A ideia principal era transformar jogos infantis em performances colaborativas e interativas trazendo a política como eixo condutor para a recriação desses jogos. Vale lembrar que três dias após o evento aconteceriam as eleições para escolha presidencial, além das escolhas do governador dos estados, senadores e deputados. Ao conversar com os membros do laboratório tive êxito, pois todos apoiaram e acreditaram no trabalho. Juntos, escolhemos os jogos, desenhamos as formas, discutimos as ideias, até chegar nas escolhas definitivas. Os jogos escolhidos foram: Escravos de Jó, Amarelinha e Twister, renomeados para: Guerreiros brasileiros, Amarelão e ContorcioDebate. Todas essas Performances foram elaboradas pensando no período político no qual estávamos inseridos.

Outra ideia na elaboração das ações era estimular que o público interagisse com as Performances, já que o evento tem como uma de suas características o trânsito de pessoas. Todas as Performance se apropriavam de jogos que remetem à infância, mesmo usando de um assunto consideravelmente denso para o momento. Talvez fosse possível expressar os pensamentos e ideais políticos de forma divertida e brincando, mesmo porque o processo eleitoral foi um pouco atípico. Coletivamente pensamos, projetamos e experimentamos as três Performances. Uma das decisões tomadas foi a de que todos os integrantes do grupo participariam dos três trabalhos, formando então, um circuito de Jogos Performances. Três membros da equipe ficaram responsáveis por coletar os materiais necessários para a realização do jogo. Nesta divisão, fiquei com a Performance Guerreiros Brasileiros.

Para realizar essa Performance precisávamos de propagandas políticas, principalmente aquelas que entregam nas ruas. Normalmente, até fujo das pessoas que entregam estes materiais denominados contraditoriamente de santinhos. Naquele momento eu estava passando pelos trabalhadores que entregavam esse material e andava bem devagar para que eles me notassem e me oferecessem os

folhetos. Assim, como em todos os dias desde que começamos a nos preparar, eu corria para olhar a caixa da correspondência para ver se tinha chegado mais folhetinhos. Com essas propagandas montaríamos a mesa para performar/jogar. A proposta do jogo era inspirada na brincadeira popular dos Escravos de Jó. Em uma mesa forrada de panfletos de propagandas políticas, iríamos jogar escravos de Jó, com pedras, batendo fortemente em cima das imagens dos candidatos políticos enquanto cantávamos uma paródia da música original da brincadeira. A paródia foi composta pelo próprio grupo e usamos como foco da música os brasileiros escravizados pela mídia política. Neste mesmo período, eu andava pela rua atrás de pedras, para usar como peças do jogo. Pedras estas, que deveriam ser pesadas para causar impacto ao jogar sobre os folhetos políticos. Era um jogo conhecido como brincadeira infantil, porém com um questionamento referente a alienação da população frente as mídias políticas. A sensação de criar esta Performance, para mim, foi a de gestar algo. Sentia diariamente, desde que iniciamos o seu processo de criação, os movimentos da Performance dentro de mim. Pulsava, talvez porque eu concebia uma Performance que dizia respeito a um gigantesco e patético colégio eleitoral do qual eu mesma fazia parte. Meu olhar na rua, o pensamento em casa, quando escutava algo, tudo me fazia lembrar que eu estava gerando algo e para isso estava me preparando. Com os materiais recolhidos, agora o corpo prestava muita atenção nas notícias. Até o dia do evento esta Performance já estava enraizada em mim, me fazendo sentir uma mãe de primeira viagem.

Chegou o dia quatro de outubro de 2018. Preparei todo o material que arrecadei e estava na minha casa. Recolhi as pedras com carinho e as coloquei em uma sacola. Assim, parti rumo ao nascimento de um trabalho projetado e bem querido pelos colegas. No dia da apresentação da Performance no evento, eu dirigia em direção a Universidade para encontrar o grupo e fui pensando nas muitas possibilidades que ela poderia suscitar no calor do momento, diante dos acasos e em estado de improviso. Eu permanecia sempre refletindo sobre nossas últimas experiências neste mesmo evento. Pela primeira vez, sentia latente a Arte da Performance no corpo. Sentia tudo muito presente! Assim, fui organizando meus pensamentos, apropriando-me dos dois últimos cursos intensivos de Performance que participei nos meses anteriores. Percebi que estes três últimos anos de trabalho, semeando minúsculas sementes a cada encontro, a cada carona com minha orientadora, estavam se transformando em pequenas mudas de raízes. Então, me sentia florescer, sentia-me viva! Tinha algo a mais pulsando dentro de mim naquela tarde.

Às 14h30min nos encontramos, conversamos um pouco, sanamos algumas dúvidas, compartilhamos as ideias, assim como a motivação. Fomos Performar! Nossa orientadora expressava felicidade novamente ao nos ver crescer e evidenciou isso

quando nos disse que andava refletindo sobre como amadurecemos. Juntos fomos ao espaço do evento, observamos o lugar e decidimos aonde instalar os materiais para as Performances. Sentei-me em um banquinho de madeira e ali comecei a espalhar e colar os folhetos políticos um a um. Ajustei as formas, me afastei para ver se havia ficado visualmente adequado aos propósitos do trabalho, voltei e continuei meu trabalho artesanal. Ali permaneci por trinta minutos, preparando-me para o parto do que viria acontecer em instantes. Terminei minha montagem, olhei para ela com tanto carinho e logo chamei os demais da equipe para que eles apreciassem comigo aquilo que havia manualmente criado. A equipe estava pronta e logo daríamos continuidade ao processo. Fiquei ao lado daquele espaço por mais alguns vinte minutos, enquanto esperava meus companheiros terminarem de construir seus espaços para a realização das Performances. Em um momento, alguém sentou em cima das propagandas. Me senti um pouco incomodada, mas o lugar era público e ainda não havíamos iniciado a Performance de fato. No entanto, fiquei ainda mais incomodada com a demora, estava ansiosa para começar. Tudo estava pronto!

Houve o sinal da orientadora para darmos início aos jogos que aconteciam quase simultaneamente. Decidimos juntos alguma ordem para o circuito e Guerreiros Brasileiros seria a segunda Performance. Me dirigi ao espaço da primeira Performance, Amarelão, pois todo o grupo participava das três propostas. Fazia uns três minutos que havia me distanciado de parte de mim, ou seja, daquele lindo material que organizei com os folhetos coletados. Um último olhar para ver se estava tudo bem com o material preparado. Foi, então, quando me virei de costas para participar da primeira Performance. Ali, em milésimos de segundos, chegou uma moça vestida com a camiseta da organização do evento e, em uma única ação, arrancou com as mãos, todos os meus folhetos daquele espaço preparado. Sem conseguir acreditar e muito menos reagir, olhei para uma colega de laboratório e disse: “ela arrancou tudo!”. Eu me encontrava em meio a outra Performance e quem não estava performando estava fazendo registros fotográficos. Enquanto isso, essa moça passava por mim com todo meu trabalho amassado nas suas mãos. Eu só consegui dizer: “minha Performance!”. Esta mulher nem me olhou, só falou que as pessoas estavam incomodadas em ver artefatos políticos num evento acadêmico e ela não poderia deixar “aquilo” ali. Assim, ela se foi, minha Performance foi abortada.

A sensação, no momento, era de vazio, pois naquele instante arrancaram algo de mim. Parece loucura, mas meu ventre doía. Perdi ali a vontade de prosseguir. Meus olhos se encheram de água e eu as fazia voltarem para dentro, pois tinham as outras Performances dos colegas para dar continuidade. Minha vontade de chorar era enorme. Com o sorriso amarelo, meio sem forças, busquei retoma-las e continuei o trabalho dos colegas ao lado deles. Porém, eu sentia escorrer uma tristeza enorme, em

cada movimento que fiz, por ter perdido algo naquele lugar. Me saquearam! Arrancaram uma raiz de dentro de mim. Em silêncio entrei no carro, voltei para casa, abri a porta e estava sozinha, ainda bem! Tirei a roupa imediatamente, corri para debaixo do chuveiro, tentando que a água quente limpasse toda aquela tristeza. Então, coloquei uma roupa leve, fiz um café, sentei-me no sofá e por algum tempo fiquei olhando para o nada, ainda em silêncio: Abortaram minha Performance!

Então, algumas horas depois, ainda sentada no mesmo sofá, terminei este texto com um vazio enorme e lágrimas nos olhos, lembrando que alguém me disse naquele momento, que haveriam outras oportunidades. Sim, talvez outras Performances viriam, mas ainda assim, eu nunca esquecerei que aquela Performance sofreu um aborto.

Nesse momento da escrita reflexiva, retornamos a primeira pessoa do plural a fim de externar nosso pensamento derradeiro sobre o que ocorreu naquela tarde. Portanto, como conclusão movediça desse evento, acreditamos que a Performance Arte, muitas vezes se faz um meio para ressoar embates políticos ao suspender o espaço-tempo no qual a ação acontece. Ao situar-se entre ser e não ser política, ela revela uma aparente indecisão que provoca a sensação de ambiguidade. Esse aspecto da Performance Arte atrai justamente porque ela não se mostra pela via da obviedade direta da ação de resistência política e, assim, se torna hábil em solapar a inocuidade de uma maneira quase silenciosa. A Arte da Performance se embaralha com as manifestações políticas quando traz um argumento dessa ordem. Desse modo ela pode se confundir, até propositalmente, com elas. Algumas vezes, elas incitam o medo da desordem, parecem se aparentar com a anarquia. Nos contextos nos quais prevalece o medo e a submissão, elas acabam abortadas no intuito de manter uma ordem aparente das coisas.

Referências

COSTA, Robson Xavier. **Arte e política: IV Diálogos Internacionais em Artes Visuais e I Encontro Regional da ANPAP/NE** [recurso eletrônico]. Programa Associado de Pós graduação em Artes Visuais UFPB/UFPE. – Recife: Editora UFPE, 2015.

FOUCAULT, Michel. **A Microfísica do Poder**. Organização e Tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

RANCIÈRE, Jacques. Política da Arte. In **Revista Urdimento**. Florianópolis: Ed. UDESC-CEART, v. 2, n. 15, 2010.

RANCIÉRE, Jacques. **O espectador Emancipado**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

Marcella Nunes Rodrigues

Bacharela em Dança pela Universidade Federal de Santa Maria. Mestra e Doutoranda em Artes Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UFSM. Pesquisadora, Performer e Integrante do Grupo de Pesquisas Performances: Arte e Cultura, vinculado ao CNPQ. Contato: marcellanunesrodrigues@gmail.com

Gisela Reis Biancalana

Performer, pesquisadora e professora do Curso de Teatro (1996-2014) e do Bacharelado em Dança (2014-atual) na Universidade Federal de Santa Maria, RS. Membro do PPGART e coordenadora do LAPARC. Líder do grupo de pesquisas Performances: arte e cultura do CNPQ. Em 2015 realizou Pós Doutorado na DeMontfort University, UK investigando processos colaborativos de criação. Organizadora dos livros Discursos do Corpo na Arte I, II. Contato: contatosegundoautor@email.com.